

Trata-se de uma tarefa difícil aproveitar ao máximo qualquer lugar que seja e, ainda assim, tal depende em grande medida das nossas capacidades. Quando perscrutadas com paciência de uma ponta à outra, as coisas acabam geralmente por revelar-nos um lado belo. Há uns meses, falava-se no *Portfolio* acerca de “um regime austero relativo a paisagens”; e tal disciplina era recomendada pela sua influência “salutar e regeneradora no gosto.” Este é o tema, por assim dizer, do presente ensaio. Devo sublinhar que a disciplina relativa a paisagens diz respeito a algo mais do que uma mera caminhada antes do pequeno-almoço para abrir o apetite. Pois quando nos achamos nuns quaisquer arredores menos apelativos à vista, e especialmente se nos sentirmos inclinados a depender de certo modo daquilo que vemos, devemos predispor-nos a olhar em redor em busca de coisas belas, dotados de todo o ardor e paciência de um botânico em busca de uma planta de centeio. Dia após dia, vamo-nos aperfeiçoando na arte de perspetivar a natureza de um ponto de vista mais favorável. Aprendemos a viver com ela, do mesmo modo que as pessoas aprendem a viver com cônjuges irritáveis ou violentos, concentrando-nos

ternamente no que é virtuoso e fechando ao mesmo tempo os olhos a tudo aquilo que nos parece sombrio ou dissonante. Do mesmo modo, aprendemos a aproximarmo-nos de cada lugar com um estado de espírito apropriado. Como Brantôme muito caracteristicamente nos diz, o viajante “*fait des discours en soi pour soutenir en chemin*”; e na tessitura desses diálogos consigo mesmo, ele vai urdindo aspetos retirados de tudo o que vê e experiencia pelo caminho; esses diálogos obtêm em grande medida o seu tom particular a partir das variações de caráter do cenário; uma subida íngreme propicia pensamentos diferentes daqueles sugeridos por uma estrada plana; e as fantasias do caminhante vão-se tornando menos obscuras assim que ele se despede de um bosque e se aproxima de uma clareira. Não se dá o caso de a paisagem influenciar mais os pensamentos do que os pensamentos influenciam a paisagem. Observamos os lugares através dos nossos temperamentos, como se o fizéssemos através de inúmeros vidros de cores distintas. Nós próprios somos parte da equação, uma nota do acorde, e está em grande medida nas nossas mãos procurar a dissonância ou a harmonia. Não temos qualquer razão para rezear o resultado, isto se formos capazes de nos render suficientemente à paisagem que nos rodeia e acompanha, no sentido de com ela sintonizarmos os nossos pensamentos e de irmos contando a nós próprios histórias apropriadas ao ritmo da caminhada. Assim nos tornamos, num certo sentido, num foco de beleza. Suscitamos a beleza, no mesmo sentido em que uma personalidade gentil e sincera suscita sinceridade e gentileza nos outros. E mesmo quando não existe qualquer elemento harmonioso que se possa extrair através do estado de espírito mais diligente e consonante, ser-nos-á ainda assim possível embelezar o lugar em questão com uma certa dose de

encanto. Podemos aprender a ir mais longe em busca de determinadas associações, procurando servir-nos delas do modo mais natural possível quando delas nos lembramos. Por vezes, recorre em nosso auxílio uma velha gravura; já pude presenciar a súbita iluminação de muitos lugares através de pitorescas fantasias, com reminiscências de Callot, de Sadeler ou de Paul Brill. Dick Turpin tem sido uma figura essencial do meu imaginário em muitos caminhos ingleses. E suponho que os Trossachs dificilmente seriam os Trossachs para a maior parte dos turistas se um homem de admirável instinto romântico não tivesse povoado o lugar em questão com figuras harmoniosas, transportando-os para lá em estados de espírito devidamente preparados para receber a impressão inicial. Metade da batalha fica ganha com esta preparação. Por exemplo: raramente me predispus a visitar, pelo menos imbuído do estado de espírito adequado, as áridas e inóspitas regiões das nossas Terras Altas. Dou-me por feliz onde tudo parece cultivado e fértil, e não me dou bem com a ausência de árvores. Compreendo que existam determinados períodos de perturbação emocional que harmonizem bem com semelhantes paisagens, e que algumas pessoas, graças às capacidades da imaginação, consigam regressar em espírito ao passado remoto de vários séculos atrás, predispondo-se a empatizar com a assombrada, despojada e selvagem forma de vida que ocupara, em tempos, este lugar inóspito e montanhoso. Pela parte que me toca, quando me sinto triste, prefiro que a natureza, dotada com os seus encantos, me demova da minha tristeza, como David perante Saul; e o mero pensamento destas épocas remotas nada desperta em mim que não seja uma desagradável compaixão; e é neste sentido que nunca consigo desencantar em mim o temperamento adequado a este género de paisagem, e por consequência

acabo por privar-me do comprazimento que dela possa retirar. Ainda assim, numa paisagem como esta, achando-me eu completamente sozinho e com tempo de sobra, conseguiria identificar todo o género de motivos de prazer, levando depois comigo muitas imagens nítidas e belas assim que partisse. Quando não conseguimos empatizar com as características mais proeminentes de uma região, aprendemos a ignorá-las, e logo de seguida a enfiar o nariz na erva em busca de flores, ou a estudar cuidadosamente e durante largos períodos de tempo as variações na corrente de um riacho. Quando a extensão da paisagem não nos oferece nenhum poema, voltamo-nos para o sermão das pedras. Começamos a esquadrinhar e a herborizar, interessamo-nos por pássaros e insetos, encontramos muitas e variadas coisas belas em miniatura. O leitor lembrar-se-á da breve cena de verão em *O Monte dos Vendavais* — o único momento caloroso, talvez, desse poderoso e deprimente romance — e da preponderância que nela obtêm as ervas, as flores e uma nesga de sol: este é o estado de espírito a que me refiro. E, por último, temos sempre a possibilidade de desfrutar de espaços fechados; por vezes, os interiores são belos e frequentemente mais pitorescos do que os cenários a céu aberto, além de terem a vantagem de proporcionar abrigo, vantagem essa que irei desenvolver mais adiante.

Com todos estes aspetos em mente, já muitas vezes me achei tentado a propor o paradoxo de que qualquer lugar é suficientemente bom para nele habitarmos, enquanto apenas nuns quantos, preferivelmente escolhidos a dedo, se nos torna possível passar umas poucas horas agradáveis. Isto porque basta determo-nos o tempo suficiente num lugar para nos sentirmos em casa no seu ambiente. Em nós despontam certas reminiscências, quais flores brotando em recantos pouco apelativos.

Até certo ponto, esquecemos a superior graciosidade de outros lugares e cedo adotamos um estado de espírito tolerante e empático que constitui a sua própria recompensa e justificação. No outro dia, ao trazer à memória algumas das minhas experiências, dei por mim surpreendido ao descobrir o quanto devia a um lugar deste género; seis semanas passadas numa inhospita região rural pareciam ter feito mais por mim, no sentido de estimular e educar a minha sensibilidade, do que muitos anos de experiências em locais que melhor conviviam com a minha inclinação natural.

A região a que me refiro era uma planície despojada de árvores, por onde o vento tudo fustigava como um chicote. A paisagem era a mesma, milha atrás de milha. De facto, havia um rio que desembocava no mar, perto da cidade onde eu residia; porém, o vale do rio era pouco profundo e árido, e assim se estendia em redor à medida que ia caminhando, enquanto o ânimo não me abandonava. Existiam pequenos trilhos, decerto, e contudo os mesmos eram despojados de qualquer beleza ou interesse; pois, como o terreno não era arborizado e raramente se revelava irregular, o caminhante podia antever todo o percurso exposto à sua frente desde o ponto de partida; nada havia para estimular a imaginação, nada de novo a esperar, nada para contemplar à beira da estrada, exceto uma ou outra casa com um aspeto pouco acolhedor e, aqui e ali, um isolado operário britador munido com óculos de proteção; e a única companhia de que eu dispunha, à medida que ia avançando a custo, eram os lúgubres postes telegráficos e o incessante zunido proveniente da ressonância dos cabos dispersos, provocado pelo cortante vento marítimo. Para uma pessoa que aprendera a reconhecer a sua canção em regiões agradáveis e temperadas do Mediterrâneo, a mesma parecia agora asso-